

A imensa companhia

Pequena Cia. de Teatro apresentou o espetáculo *Velhos Caem do Céu como Canivetes* na programação do 21º Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga; essa foi a primeira vez que a montagem foi encenada fora do Maranhão

Bruna Castelo Branco
Enviada especial*

Éra início da noite de quinta-feira (11) quando o Teatrinho Rachel de Queiroz, na charmosa cidade cearense de Guaramiranga, abriu as portas para mais uma apresentação da Mostra Nordeste do 21º Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga, que aconteceu do dia 6 a 13 deste mês. O público ávido por boas montagens lotou o espaço e contemplou um belo espetáculo sobre as desilusões e ilusões humanas. No palco, um ser alado, exilado na terra, caiu no quintal de um velho que vive (ou sobrevive) de catar lixo. Ele busca compreender e desvelar o comportamento dos humanos e, com ele, trava um embate filosófico sobre a luta (ou desistência) da vida, enquanto espera o fim do seu exílio.

Esse é o enredo de *Velhos Caem do Céu como Canivetes*, da Pequena Cia. de Teatro, única representante do Maranhão nesta edição do festival. Dirigida por Marcelo Flecha, a montagem é inspirada no conto *Un Señor muy Viejo con unas Alas Enormes* de Gabriel García Márquez, mas com uma adaptação visceral e que traz questionamentos sobre a alma humana a partir do diálogo de seres tão diferentes, mas, ao mesmo tempo, tão semelhantes, suscitando algumas reflexões. Um exemplo é quando o velho questiona ao ser alado: "É a queda?", e é surpreendido com a resposta: "acontece quando se voa alto". Outro embate é quando o ser alado relata que enfrenta qualquer batalha pelos seus ideais e é confrontado com a in-

formação de que aqui quem luta pelos ideais é chamado de louco.

Entrega - No palco, os atores Cláudio Marconcine e Jorge Choairy dão vida a essa história. Marconcine impressiona pela transformação em um homem velho, com uma postura curvada para frente e uma caracterização que convence a plateia de que ele não tem dentes. O personagem teve os dentes arrancados na infância para que se fôssem colocados dentes de ouro. O ouro nunca veio, assim como a riqueza e, com isso, os ideais também foram se perdendo pelo caminho. Em determinado momento, ele conta que o lixo que ele colhe já serviu como peças de arte, nas quais ele protestava contra desperdícios, mas isso foi há muito tempo e já não tem mais sentido. O velho de Cláudio se tornou uma parte do lixo que ele colhe. Ele é o lixo humano, sua vida é invisível como o lixo das ruas.

Já o pequeno (fisicamente) Jorge Choairy se agiganta no palco como um ser alado, identificável pela sua dificuldade em se expressar em nossa língua, logo quando cai em nosso mundo. Os seus movimentos de reconhecimento dessa realidade e a angústia de um exílio forçado. O entrosamento dos dois atores no palco é consistente. Resultado de muitos ensaios de quem tem a vocação e compromisso com o teatro. Os ensaios da Pequena Cia. de Teatro são diários e isso faz com que os atores se reconheçam, trabalhem a postura corporal para cada espetáculo, sobre a precisa coordenação de

Marcelo Flecha, dramaturgo de trabalho irretocável e a competente produção de Kátia Lopes. Eles quatro formam a equipe da Pequena Cia. de Teatro. Apenas quatro pessoas que são responsáveis por espetáculos com tanta grandiosidade cênica.

Aplausos - Após os 65 minutos de espetáculo, o público que lotou o teatro, visivelmente instigado pela história, aplaudiu de pé por alguns minutos. Durante o bate-papo com a equipe, o público e curadores do festival questionaram sobre vários pontos do espetáculo. Um dos destaques foi a respeito do trabalho de postura dos atores, no qual foi explicado o trabalho de quadro de antagonísticos e de ressignificação corporal, entre outros pontos que ajudaram na construção do espetáculo.

Essa foi a primeira vez que a peça foi apresentada fora do Maranhão. Ele estreou no fim do ano passado e já teve 30 apresentações no estado. Agora, *Velhos* deve participar de outros festivais, mas a julgar pela boa repercussão no evento de Guaramiranga, que é considerado um das referências em festivais de teatro do Nordeste, terá uma longa e positiva caminhada. E quem ainda não conhece o trabalho da Pequena Cia. de Teatro, todas às segundas-feiras, às 19h, eles apresentam gratuitamente o espetáculo *Pai & Filho*, adaptação do livro *Carta ao Pai*, de Franz Kafka, na sede da companhia, localizada na Rua do Giz, no Centro Histórico de São Luís.

A jornalista participou do evento a convite da Oi



Fotos/Divulgação/Sol Coelho

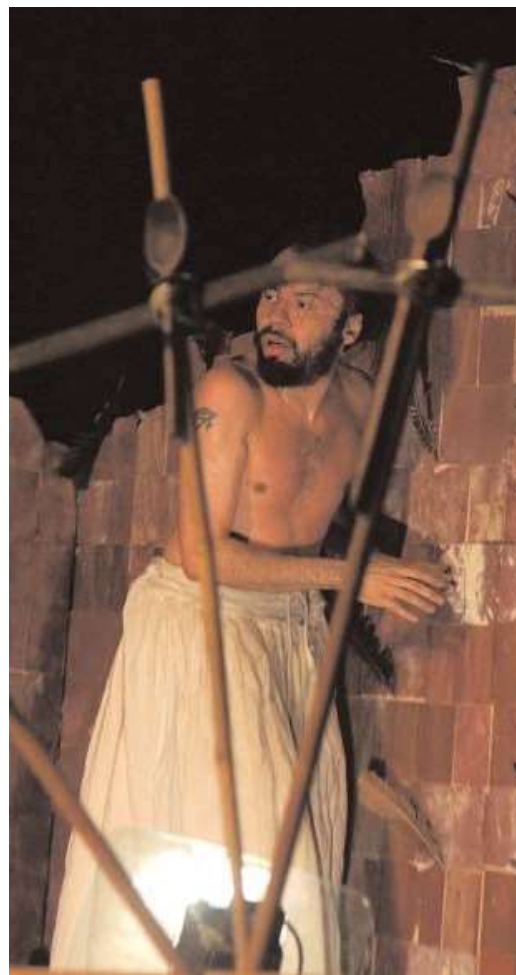
Os atores Jorge Choairy e Cláudio Marconcine mostram boa integração em cena do espetáculo



Apresentação de *Velhos Caem do Céu como Canivetes* lotou o Teatrinho Rachel de Queiroz



O ator Cláudio Marconcine interpreta o velho



Jorge Choairy dá vida ao ser alado na peça

Mais

O 21º Festival Nordestino de Teatro de Guaramiranga teve o tema O Teatro e Seus Públicos e foi promovido pela Associação dos Amigos da Arte de Guaramiranga (Água), apresentado pelo Governo do Estado do Ceará com o patrocínio da Oi e apoio do Oi Futuro e da Prefeitura Municipal de Guaramiranga. O evento teve espetáculos de cinco estados nordestinos como Ceará, Maranhão, Paraíba, Bahia e Piauí e a premiação acontece apenas na categoria de júri popular. Quem ficou com o prêmio foi *BR Trans* (foto), do Coletivo Artístico As Travestidas (CE).

Com direção de Jezebel De Carli e Silvero Pereira, texto e atuação também de Silvero Pereira, *Br-Trans* é resultado de um processo de pesquisa cênica desenvolvido por meio do Edital Interações Estéticas 2012 (Funarte/MinC), em residência no SOMOS Pontão de Cultura LGBT (POA/RS) e idealizado pelo ator cearense dentro do Coletivo Artístico As Travesti-



das, do Ceará, em compartilhamento com outros profissionais das Artes Cênicas do Rio Grande do Sul. Tendo como interesse temático o universo de travestis, transexuais e artistas transformistas, a pesquisa atua na perspectiva do Teatro enquanto instrumento de transformação social e, também, da Arte Transformista enquanto legítima linguagem cênica e manifestação própria da Cultura LGBT.

Criado a partir de fragmentos de vidas reais, coletados através de conversas com travestis, transexuais e transformistas da cidade de Porto Alegre, o espetáculo traz à cena histórias sobre exclusão e violência, presentes no cotidiano desta população, vivenciados de norte a sul deste país. Entretanto, subvertendo estas tristes histórias, a obra vai além ao abordar narrativas de superação e transformação.